

ARQUITETURA VERNACULAR: A CONSTRUÇÃO NATIVA BRASILEIRA

VERNACULAR ARCHITECTURE: THE BRAZILIAN NATIVE CONSTRUCTION

Cristina Silveira Melo¹, William Martins Ribeiro²

Resumo - Esta pesquisa tem por objetivo investigar o que é a arquitetura efetivamente brasileira, nativa e tradicional, como ela se manifesta e como está presente desde os primórdios da sociedade nacional até o quadro atual. Diante da diversidade de edificações indígenas no Brasil, parece impossível catalogar a infinidade de ricas técnicas construtivas presentes nas inúmeras tribos distribuídas pelo território, no entanto, deve-se explorar, ainda que de maneira modesta, algumas das principais qualidades das construções vernaculares do país e sua relação com a tradição oral, as questões sociais e as readequações presentes na produção formalizada. A discussão acerca de conceitos como o abrigo, a habitação e a arquitetura permeiam a diferença entre o que é primitivo e o que é vernacular, seja nas tribos nativas ou na sociedade urbana. Portanto, não é possível limitar e distanciar a produção tectônica tradicional da concepção social, cultural e antropológica, cujo conhecimento é refletido, ainda hoje, nos mais distintos espaços urbanos.

Palavras-chave: Arquitetura. Primitivismo. Vernacular. Indígena. Estruturas.

Abstract: *This research aims to investigate what is effectively Brazilian architecture, native and traditional, how it manifests and how it is presente from the beginnings of national society to the current framework. Facing the diversity of indigenous building in Brazil, it seems impossible to catalog the myriad of rich constructive techniques present in the numerous tribes distributed throughout the territory, however, one must explore albeit modestly, some of the mais qualities of the vernacular constructions of the country and its*

relationship with the oral tradition, the social issues and the readjustments present in the formalized production. The discussion of concepts such as shelter, housing and architecture permeates the difference between what is primitive and what is vernacular, whether in the native tribes or in urban society.

Keywords: *Architecture. Primitivism. Vernacular. Indian. Structures*

I. INTRODUÇÃO

A primeira função do habitar é abrigar e acolher, abrigo construído que protege de intempéries. A caverna pode ser o exemplo mais constante do que significa abrigo, uma vez que desde o surgimento dos primeiros seres humanos, é o arquétipo da construção primitiva. Heidegger diferencia o construir do habitar de maneira bastante clara.

Parece que só é possível habitar o que se constrói. Este, o construir, tem aquele, o habitar, como meta. Mas nem todas as construções são habitações. Uma ponte, um hangar, um estádio, uma usina elétrica são construções e não habitações; a estação ferroviária, a autoestrada, a represa, o mercado são construções e não habitações. Essas várias construções estão, porém, no âmbito de nosso habitar, um âmbito que ultrapassa essas construções sem limitar-se a uma habitação. (HEIDEGGER, 2010).

A primeira função da arquitetura é a de abrigar e acolher, no entanto, ela impõe um fator estético que vai além do simples ato de construir. Há, no cerne do construtor, uma intenção formal e

¹Especialista em Arquitetura e Urbanismo, Professora e Pesquisadora do NUPE no Centro Universitário ENIAC. e-mail: cristina.melo@eniac.edu.br

²Acadêmico do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário ENIAC. e-mail: 212052018@eniac.edu.br

funcional que reconfigura as espacialidades edificadas. No entanto, essa imposição não precisa partir, necessariamente, de instituições de educação formal, como é possível perceber pela história da habitação no Brasil.

O processo de colonização brasileira, inicia-se pela ideia de assentamento do português no território: é preciso abrigar-se, proteger-se e, principalmente, ocupar o espaço. A noção de um território desconhecido, distante e diferente do continente europeu, carrega consigo a necessidade de adaptação dos colonizadores. As técnicas e materiais construtivos de Portugal não estão mais disponíveis e, portanto, faz-se necessário utilizar as possibilidades limitadas das construções nativas: a madeira, a palha, o barro e, em menor quantidade, a pedra. Até o início do século XVII, os carpinteiros brasileiros são indígenas, assim como a marcenaria hispânico-americana, feita por nativos paraguaios, são exemplos das técnicas antepassadas.

A sabedoria indígena é empregada desde a escolha do terreno, a implantação voltada para os melhores ventos, as estruturas de madeira e a própria rede de dormir. Durante séculos, a casa brasileira se transforma, mas mantém os habituais materiais e métodos ancestrais que, deslocados da Academia, sustentam a tradição familiar como principal referencial.

Aborda-se, neste artigo, o panorama da casa vernacular brasileira do ponto de vista da arquitetura nativa, ou seja, das tribos indígenas de todo território, desde o princípio dos registros pictográficos até a ocupação atual e seus reflexos na produção edilícia atual. Além disso, o debate concentra-se em apresentar, ampliar e diferenciar os conceitos de construção primitiva e vernacular dentro de um espaço de discussão que permeia a diversidade étnico-racial e a valorização das tradições nacionais.

II. REFERENCIAL TEÓRICO

O termo primitivo refere-se à origem ou ao momento inicial de um método ou de determinada civilização. No sentido construtivo, o primitivismo implica a imposição de necessidades ambientais, como proteção climática ou de predadores, ou seja,

introdução da intervenção humana sobre o espaço natural e a criação de um “microclima artificial”.

Diferentemente da arquitetura primitiva, a vernacular é produzida com uma intenção estética ou precisão funcional, mantém tradições e costumes de seus antepassados: ao utilizar os materiais que estão próximos do local da construção ou que são naturais da região estabelecida. Já a arquitetura primitiva não envolve tecnologias específicas ou intencionais, fornece apenas as condições mínimas de refúgio.

A partir dessas definições, é possível delinear a ideia do que é, efetivamente, a arquitetura brasileira, ao transitar entre uma série de fatos históricos que introduzem constantemente referências portuguesas, como as casas coloniais urbanas ou as casas-grandes das fazendas de engenho como exemplares tipicamente nacionais. A importação das técnicas construtivas europeias sobrepõe-se à utilização dos métodos apresentados pelos nativos indígenas, bem como a inserção do modelo arquitetônico acadêmico, a partir das escolas europeias que subjagam a tradição construtiva e que consolidam a divisão e a limitação entre o formal e o prático.

As construções genuínas, ou vernáculos, utilizam a inteligência e habilidade dos povos nativos e provenientes de determinada região, como é o caso das edificações indígenas brasileiras. Sua evolução ocorre desde seu estabelecimento nas mais remotas regiões do país e que, ao longo dos séculos, se aperfeiçoa a partir da tradição. Em razão desse processo de desenvolvimento constante e experimental, surge a figura do construtor e o primitivismo, como principal método construtivo, é deixado no passado.

O autor (Amos Rapoport) distingue dois tipos de arquitetura produzidos pelas sociedades em causa: a primitiva e a vernacular, esta última englobando uma vertente “pré-industrial” e uma “moderna”. A primitiva se refere à arquitetura das sociedades “tecnológica e economicamente pouco desenvolvidas”, mas correspondendo ao “uso da inteligência, da habilidade e dos recursos desses povos em toda sua extensão”. São sociedades sem grande grau de especialização e orientadas pela tradição, onde impera a relação próxima entre forma e cultura e a longa persistência dessas

formas. O conhecimento necessário à construção de moradias nesse contexto é comum a todos os membros do grupo. As edificações vernaculares pré-industriais se distinguiriam das primitivas pela existência da figura do “construtor”. Neste contexto, a “forma aceita”, ou modelo, permanece e o processo de construção é baseado em ajustes ou variações, havendo, portanto, mais variabilidade individual. As sociedades que produzem esta arquitetura seriam “voltadas para a tradição” e as mudanças ocorreriam no marco de uma herança comum e de uma hierarquia de valores que se reflete nos tipos construídos. (TEIXEIRA, 2017) .

Ao partir do princípio de que a tradição é resultado da figura do construtor, que pensa (mas não projeta) e executa a edificação nativa popular, define-se um método que não utiliza os profissionais especializados e eruditos, como arquitetos e engenheiros. Esse procedimento reproduz o passado, seguindo os traços da tradição, de forma a dispensar o projeto técnico e seu respectivo responsável; segue determinados padrões e tecnologias que o diferenciam do que é considerado primitivo.

Organização e diferenciação social nas construções indígenas

A conexão entre as condições naturais e impostas, desde o clima, a abundância de alimentos e de água, até as invasões de outras tribos e dos colonizadores portugueses, faz parte do planejamento da fixação em determinada região.

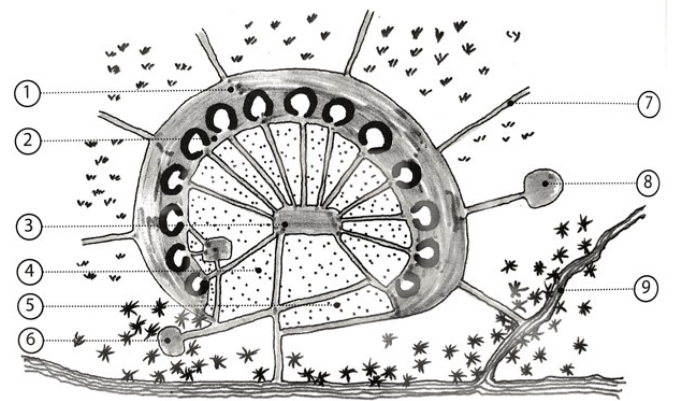
Algumas tribos mudavam de lugar devido à guerra. Muitos grupos deixavam o litoral e adentraram pelo interior do continente para evitar o contato com os invasores estrangeiros. Em 1540, por exemplo, milhares de tupinambás trocaram as praias do Atlântico em busca da “Terra da Imortalidade e do Descanso Eterno” e chegaram, nove anos depois, ao Peru. Entrando em contato com os colonizadores de lá, voltaram e se estabeleceram na bacia do Amazonas. (LEGEN, 2013, p. 29)

A implantação das aldeias nativas brasileiras é, desde sempre, um aspecto de importância para compreender a noção da tradição e da tecnologia desenvolvida por essas sociedades.

A composição estética das construções indígenas, assim como em toda sociedade gregária, é

reflexo da posição dentro do grupo ou do poder religioso da tribo. É possível verificar, em sua implantação, a organização social e a hierarquia das construções a partir de sua localização, tamanho e forma. A exemplo, a aldeia Xavante (Figura 1), de modelo circular, tem suas malocas voltadas a uma ampla área central onde são realizadas as cerimônias. Os espaços podem ser definidos da seguinte forma: 1. Rua do dia; 2. Rua da noite; 3. Área das reuniões; 4. Área dos rapazes; 5. Cabana das crianças; 6. Área de maquiagem; 7. Caminho para as hortas; 8. Cemitério; 9. Caminho para as áreas de banho.

Figura 1 – Aldeia Xavante.



Fonte: LENGEN, 2013.

Nas habitações indígenas, o espaço central é destinado à família de melhor distinção perante o agrupamento e, em algumas aldeias, a moradia é dividida em duas partes distintas, a ala masculina, que tem a frente pigmentada de amarelo e a ala ao fundo, para o feminino, pintada de vermelho. Em outras regiões distintas, grupos de homens, que chegam após um bom dia de pesca, utilizam a entrada da frente, mas quando a pesca não é boa, a entrada dos fundos é escolhida.

Tecnologia e construção: a produção nativa

O sistema construtivo dos nativos brasileiros é variado e, para cada região, o clima, os ventos, a insolação, os materiais, as técnicas, a formas e a organização são únicos. Para as sociedades urbanizadas, no entanto, essas técnicas assemelham-se, uma vez que o desconhecimento prático sobre estas é uma constante.

Pouco é citado sobre a arquitetura indígena na chegada dos portugueses ao Brasil, mas é possível verificar que a tradição é amplamente utilizada como soluções de abrigo aos colonizadores de menor poder aquisitivo, que vieram para o Brasil com poucos bens materiais e que, sem a matéria-prima tradicionalmente europeia, precisam se adaptar ao contexto nacional. Jean-Baptiste Debret (Figura 2) retrata, em suas aquarelas do século XVIII, como são essas habitações que, desde então, marcam a presença da memória e da tradição nas habitações autóctones brasileira.

Figura 2 – Abrigos indígenas oferecidos aos colonizadores portugueses.



Fonte: DEBRET, 2014.

A ideia dos espaços transitórios, em tribos nômades brasileiras, também é relevante para compreender a apreensão de técnicas construtivas que utilizam matérias-primas e aspectos organizacionais de fácil montagem e abandono. O acampamento temporário, em muito se assemelha ao modelo “industrializado do mesmo”: as áreas de descanso coletivas são montadas em meia hora, no

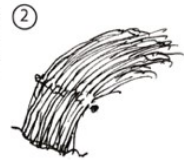
entorno de uma fogueira. A tecnologia implantada baseia-se na ideia de proteção transitória, contra chuvas e ventos, pelo uso de material estrutural, geralmente galhos das árvores do entorno, que constituem as vigas e os pilares e o material de vedação, costumeiramente composto por folhas entrelaçadas, fincadas ao chão e fixadas na própria estrutura (Figura 3).

Fig. 3 – Abrigos temporários da tribo Kaingang.

Para criar uma área de descanso, uma folha de palmeira era fincada no chão, fornecendo proteção contra o vento e a chuva.



Depois, outros amarravam várias folhas, também fincando-as ao chão, para abrigar mais pessoas.



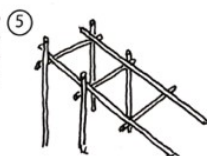
Às vezes o vento podia derrubar as folhas, então um suporte feito com galhos era necessário.



Uma cobertura feita apenas com folhas permitia a passagem da chuva, então painéis entrelaçados firmemente se tornaram uma solução melhor.



Ainda assim, tudo isso poderia ser derrubado pelo vento, e uma estrutura mais sólida era a solução.



As chuvas podiam mudar de direção, então estruturas em forma de telhado eram mais apropriadas, podendo também abrigar mais pessoas.

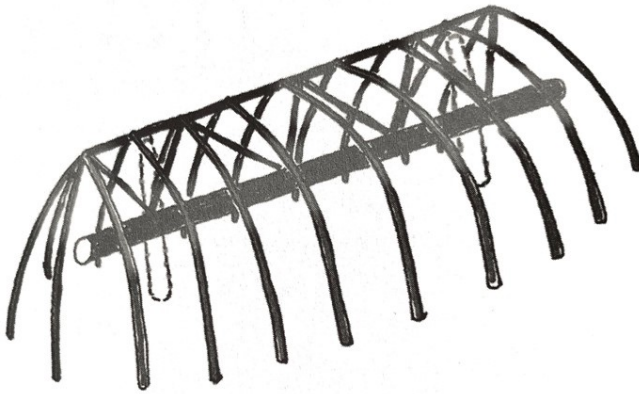


Fonte: LENGEN, 2013

A unidade habitacional fixa é uma tipologia de construção mais complexa, geralmente de forma ovalada, para abrigar certa quantidade de pessoas em seu interior. Sua estrutura, mais estável do que o restante das construções, é composta por uma série de pilares e grandes vigas de madeira, que acomodam a vedação de palha ou folhas. A maloca, ou casa comunal, do norte do Brasil, por exemplo,

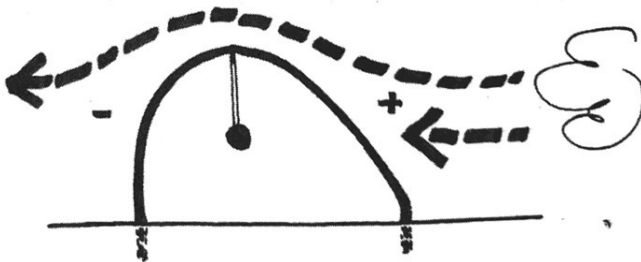
pode chegar a 40 metros de diâmetro e a 22 metros de altura, mas pode variar de acordo com as diferentes tribos e as necessidades climáticas de cada região de assentamento (Figura 4). Sua configuração interna, geralmente, é composta por algumas divisões internas, que refletem a divisão social da tribo.

Figura 4 – Estrutura Cinta-larga mostrando a grande casa comunal ovalada.



Fonte: LENGEN, 2013

Figura 5 – Diagrama de deslocamento da maloca Cinta-larga.



Fonte: LENGEN, 2013

O uso do grande tronco de madeira central funciona como estabilizador (fig. 5) de toda a estrutura, o que evita grandes deslocamentos dos postes menores quando há tempestades e ventos muito fortes. Esse tipo de solução demonstra a engenhosidade dos povos nativos que demonstram conhecimentos práticos sem necessidade de estudos teóricos avançados.

III. MATERIAIS E MÉTODOS

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, buscou-se adotar o levantamento bibliográfico, que transita entre a arquitetura, a história e a sociologia, como forma de identificar e relacionar os princípios históricos e suas aplicações em sistemas arquitetônicos atuais e tecnológicos.

A análise estrutural e de materiais foram exploradas por meio de croquis e de diagramas que levantam o processo de composição espacial. Sua abordagem é qualitativa, uma vez que abrange uma série de aspectos subjetivos da arquitetura vernacular brasileira.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desconhecimento geral sobre as habitações dos nativos brasileiros nos torna, desde os primórdios da ocupação brasileira, reféns da arquitetura europeia. A própria reprodução da estética e dos conceitos desenvolvidos pelos grandes arquitetos europeus limita a exploração do que há de melhor nas construções verdadeiramente nacionais. Até a autoconstrução, prática comum entre a população nacional, demonstra técnicas que não conversam com as necessidades climáticas do país. Ainda que alguns arquitetos busquem ampliar o estudo sobre os métodos tradicionais, como é o caso do arquiteto mineiro, Severiano Porto, cuja produção concentra-se na primeira metade do século XX, e represa um regionalismo nascente no quadro nacional. Sua linguagem transita entre a natureza tectônica e o contexto material e climático do entorno e suas investigações buscam, no local, a ampliação da construção para o social, ecológico e econômico.

A relevância da produção nativa, portanto, não deve concentrar-se apenas no campo construtivo, mas ampliar-se a uma análise geral, que engloba os métodos de transmissão oral do conhecimento e como as populações indígenas compreendem fatores técnicos de maneira intuitiva mediante a experiência da execução. O recorte aqui exposto, que apoia-se na construção, possibilita a compreensão de que, ainda que a formalidade da arquitetura seja necessária para fins comerciais e de normatização, a

adoção dos sistemas tectônicos vernaculares, que indicam a forma, função e linguagem visual, permitem o diálogo necessário com as condições físicas, principalmente, do ecossistema tropical. E, é a partir desse quadro, que se estabelecem novas possibilidades de indagação em torno da tradição e do futuro, conectados pelo equilíbrio entre técnica e tecnologia.

V. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. C. **Arquitetura indígena**. Revista e Ciências Exatas e da Terra UNIGRAN, v2, n.2, 2013. Disponível em: https://www.unigran.br/ciencias_exatas/conteudo/ed3/artigos/02.pdf. Acesso em: 22. abril. 2019.

CAMPOS, E. R de. **A arquitetura brasileira de Severiano Mario Porto**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 04, n. 043.08, Vitruvius, dez. 2003 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.043/631>>. Acesso em: 28. abril. 2019.

DEBRET, J. B. 1768-1848. *Voyage pittoresque et historique au Brésil*. França: Actes Sud, 2014.

HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. São Paulo: Ed. Vozes, 2010.

HENRIQUES, G. C. **Severiano Porto: Sintaxe e processo, que futuro(s)?** *Arquitextos*, São Paulo, ano 17, n. 198.03, Vitruvius, nov. 2016. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.198/6303>>. Acesso em: 25. abril. 2019.

HESPANHA, S. A. M. **Severiano Porto: entre o regional e o moderno**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 09, n. 105.05, Vitruvius, fev. 2009 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.105/76>>. Acesso em: 28. abril. 2019.

LEMOS, C. A. C. **O que é arquitetura**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2009.

LENGEN, J. van. **Arquitetura dos índios da Amazônia**. São Paulo: B4 Ed., 2013.

MIGUEL, Jorge Marão Carnielo. **Casa e lar: a essência da arquitetura**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 03, n. 029.11, Vitruvius, out. 2002. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/746>>. Acesso em: 19. abril. 2019.

PRIORE, M. D. **Histórias da Gente Brasileira: volume 01 Colônia**. São Paulo, SP: Editora Leya, 2016.

TEIXEIRA, R. B. **Arquitetura vernacular: em busca de uma definição**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 17, n. 201.01, Vitruvius, fev. 2017. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/>>. Acesso em: 19. Abril. 2019.